

## **Roteiro**

### **Exposição sobre o conto "Dois Amigos" de Guy de Maupassant**

Elisa Hardt  
(elisa.hardt.motta@usp.br)

Olá. Meu nome é Elisa, sou uma das estagiárias do curso de Introdução aos Estudos Literários II desse semestre e vou falar um pouco sobre o conto “Dois Amigos” de Guy de Maupassant.

Nesta exposição, pretendo, primeiro, traçar um breve contexto do conto e seu autor e, em seguida, analisar mais detidamente o conto em si, trazendo eventuais relações entre trechos do texto e conceitos teóricos trabalhados pelo professor Marcus Mazzari nas aulas de IEL II.

#### **Contexto**

Começamos pelo autor do conto: Guy de Maupassant. Nascido em 1850 na região da Normandia e falecido em 1893 em Paris, escreveu romances, novelas, contos, peças e poemas. É, atualmente, mais conhecido pela sua prosa realista. Produziu a maior parte de suas obras no período entre 1880 e 1890, pouco antes de enlouquecer e morrer com apenas 43 anos.

Discípulo de Gustave Flaubert, Maupassant participou de movimentos literários realistas e naturalistas junto de outros grandes nomes da literatura francesa como, por exemplo, Émile Zola.

A mentoria de Flaubert teve grande influência na escrita de Maupassant. Observa-se, por exemplo, um uso frequente da onisciência neutra, principalmente, em seus romances. Flaubert é reconhecido como um autor que prezava pela completa impessoalidade narrativa e, em “Dois Amigos”, vemos bem essa neutralidade.

Neste conto, Maupassant também aborda um assunto muito recorrente em suas produções: a guerra franco-prussiana de 1870. Em “Dois Amigos”, temos, então, como pano de fundo a ocupação da França pelos alemães que deixou marcas profundas no povo francês. O conto é publicado cerca de dez anos após o fim desta guerra, da qual Maupassant participou.

Ambientado, portanto, no cerco de Paris, em meio à fome e à miséria, o conto narra o breve reencontro entre Sr. Morissot e Sr. Sauvage que decidem cruzar as linhas francesas e prussianas de guerra para retomarem o hábito de pesca que tanto amavam e do qual haviam sido privados desde o início dos embates.

#### **Análise**

A ação do conto se estrutura, resumidamente, em três partes: o reencontro entre os dois personagens principais, a ida até a margem do rio e a captura e fuzilamento do Sr. Morissot e do Sr. Sauvage pelas tropas prussianas.

Começamos a leitura com uma apresentação do espaço inicial da narrativa e, logo em seguida, de um dos personagens principais:

*Paris estava bloqueada, faminta e arquejante. Tornavam-se muito raros os pardais nos telhados, e os esgotos despovoavam-se. Comia-se o que se encontrava.*

*Passeando tristemente, por uma clara manhã de janeiro, ao longo do bulevar exterior, com as mãos nos bolsos da calça e o ventre vazio, de repente o Sr. Morissot, relojoeiro de profissão e chineleiro nas horas vagas, parou ante um colega, em quem reconheceu um amigo. Era o Sr. Sauvage, um conhecimento travado à beira da água.*

Neste segundo parágrafo, identificamos alguns conceitos abordados por Norman Friedman em “O ponto de vista na ficção”: através da apresentação de uma cena imediata, percebemos que se trata de uma narrativa feita em terceira pessoa, impessoal, por um narrador onisciente neutro. Na maior parte do conto, seus personagens falam e agem por si mesmos, sem intromissões autorais diretas, sem opiniões explícitas.

Vemos, também, que são poucas as descrições físicas e mentais dos dois amigos e quase nada sabemos além dos seus nomes, profissões e do brevíssimo retrato, no quarto parágrafo, do Sr. Sauvage como um “*homenzinho atarracado e jovial*”.

A partir do terceiro parágrafo, se inicia um sumário narrativo que descreve a relação entre os dois personagens e também o gosto dos mesmos pela pesca. Em vez de **mostrar** — como é o foco da cena imediata —, no sumário narrativo o narrador nos **conta**.

Dentre os cinco parágrafos que compõem este sumário, é interessante observar o seguinte trecho:

*Não raro passavam os dois a metade do dia lado a lado, com a linha na mão e os pés oscilando acima da corrente; e tomaram-se de amizade.*

Comento esta passagem, pois, em francês, percebe-se um cuidado do autor com o ritmo, com a estrutura sonora, com os encadeamentos harmoniosos: “*Ils passaient souvent une demi-journée côte à côte, la ligne à la main et les pieds ballants au-dessus du courant ; et ils s'étaient pris d'amitié l'un pour l'autre.*” A leitura na língua original corre com facilidade, as palavras rolam da língua. Tem, na prosa de Maupassant, uma espécie de lírica que não fica exatamente explícita na sua tradução para o português.

Ela se repete bastante nas partes iniciais do conto e, sobretudo, nas passagens que podemos identificar como o sumário narrativo: “*au printemps le matin*”, “*faisait flotter sur le fleuve*”, “*dans le dos des deux enrégés pêcheurs une bonne chaleur*”, “*frémissements d'un frisson*”, “*en souriant Morissot*”, “*poussant un soupir*”, “*des gens à jeun*” etc. Entretanto, à medida que Morissot e Sauvage seguem em direção ao rio, ignorando os óbvios perigos, o aspecto lírico da narrativa parece ser abandonado.

Seria possível enxergar esse abandono, talvez, como uma previsão do fim trágico destinado aos dois companheiros, uma antecipação da frieza do estereótipo dos prussianos e da violência calculista e sem emoção que é característica da guerra. Uma passagem que também poderia ser enxergada como um prenúncio das mortes de Morissot e Sauvage é o trecho que descreve o rio onde costumavam passar dias inteiros a pescar e onde, ao final da narrativa, seus corpos sem vida serão jogados:

*No outono, ao fim do dia, quando o céu, ensanguentado pelo poente, lançava na água imagens de nuvens escarlates, purplejava o rio inteiro, inflamava o horizonte, tornava rubras como o fogo e dourava, entre os dois amigos, as árvores já tostadas, trementes de um frêmito de inverno, o Sr. Sauvage fitava Morissot, a sorrir, e exclamava: — “Que espetáculo!” E Morissot, maravilhado, respondia, sempre, com os olhos no seu flutuador: — “Isto é melhor do que o bulevar, hem?”*

Ao terminar o sumário narrativo, o narrador onisciente neutro retorna à cena imediata do reencontro dos dois personagens:

*Mal se reconheceram, apertaram-se as mãos com energia, muito comovidos de se reencontrarem em circunstâncias tão diversas. O Sr. Sauvage, dando um suspiro, murmurou:*

*— Acontece cada uma!*

*Morissot, muito triste, gemeu:*

*— E que tempo! Hoje é o primeiro dia bonito do ano.*

Segue-se, então, uma conversa entre os dois amigos que caminham pelas ruas de Paris, bebem alguns copos de absinto e partilham uma saudade da pesca. Bêbados, decidem retornar à margem do rio para pescarem mais uma vez. Ao longo do caminho que fazem, nos é apresentada uma paisagem assolada pela guerra, mas não como os personagens a veem, e sim a partir do ponto de vista do narrador neutro. Os estados mentais dos personagens e os cenários que os evocam são narrados indiretamente. O que é privilegiado na maior parte do conto são as suas falas e ações:

*Em frente, a aldeia de Argenteuil parecia morta. As eminências do Orgemont e do Sannois dominavam toda a região. A grande planície que vai até Nanterre estava deserta, completamente deserta, com suas cerejeiras nuas e suas terras cinzentas.*

*O Sr. Sauvage, apontando os céus com o dedo, murmurou:*

*— Os prussianos estão lá no alto!*

*E uma inquietação paralisava os dois amigos em face daquele ermo.*

*Os prussianos! Nunca eles tinham avistado nenhum, mas sentiam-nos ali desde meses atrás, ao redor de Paris, arruinando a França, pilhando, chacinando, esfomeando, invisíveis e todo-poderosos. E uma espécie de supersticioso terror somava-se ao ódio que tinham a esse povo desconhecido e vitorioso.*

Finalmente, os dois amigos chegam à margem do rio e se põem a pescar:

*O Sr. Sauvage pescou a primeira cavala. Morissot apanhou a segunda, e de momento a momento levantavam as linhas com um bichinho prateado a saltitar na extremidade do fio: verdadeira pesca milagrosa.*

*Introduziram delicadamente os peixes numa rede de malhas muito apertadas, mergulhada a seus pés. E uma alegria deliciosa os penetrava, essa alegria que **nos** domina ao **reentrarmos** no gozo de um prazer amado de que **fomos** privados por muito tempo.*

*O bom Sol destilava-lhes o seu calor entre as espáduas; já não ouviam nada, já não pensavam em nada; **ignoravam o resto do mundo: pescavam.***

Observa-se, aqui, duas coisas interessantes: o narrador se dirige ao leitor, fazendo uso de verbos flexionados na primeira pessoa do plural; e, ao pescarem, Morissot e Sauvage se esquecem dos canhões e dos inimigos prussianos e da fome e da morte. Apenas pescam, felizes, se esquecendo da dura realidade em que vivem, distraíndo-se de todo o resto.

*De repente, porém, um ruído surdo, que parecia vir de sob a terra, fez tremer o solo. O canhão voltava a troar.*

E, assim, a atenção retorna à realidade.

Percebe-se, nos trechos que seguem, o motivo central do conto, segundo um dos conceitos trabalhados por Wolfgang Kayser em “Análise e interpretação da obra literária”. Se o assunto de “Dois Amigos” é a guerra, o motivo central é a sua caracterização como algo incoerente, irracional e questionável. Dentre os motivos subordinados ao central, podemos identificar, por exemplo, a miséria, a crueldade e a morte sem sentido causadas pelo conflito.

Observa-se, também, que Morissot e Sauvage parecem expressar uma espécie de conformismo diante da violência pela qual, até o momento, não haviam sido atingidos diretamente. Os dois amigos a discutem e reprimem como se a guerra fosse algo distante, que não lhes diz respeito e sobre a qual não podem fazer nada a não ser emitir suas opiniões:

*— Lá continuam eles.*

*Morissot, que via, com ânsia, submergir-se pouco a pouco a pluma do seu flutuador, foi subitamente assaltado de uma cólera de homem plácido contra aqueles endemoninhados que se batiam assim, e resmungou:*

*— É preciso ser estúpido para matar desse jeito!*

*— São piores que animais — observou o Sr. Sauvage.*

*(...)*

*E pegaram tranquilamente a discutir, ferindo os problemas políticos com uma razão sábia de homens mansos e limitados, acordes quanto a este ponto: nunca se teria liberdade. E o Mont-Valérien troava sem repouso, demolindo a balaços de artilharia casas francesas, triturando vidas, arrasando seres, aniquilando muitos sonhos, muitas esperadas alegrias, muitas felicidades prometidas, abrindo em corações de esposas, em corações de mães, além, noutras terras sofrimentos que não mais teriam fim.*

*— **É a vida** — declarou o Sr. Sauvage.*

— *Diga antes que é a morte* — replicou Morissot a rir.

Chamo atenção, principalmente, às duas últimas sentenças do trecho. Aqui, Maupassant insere uma expressão muito popular em francês de **conformismo** diante do **imutável** da vida, do destino, das fatalidades: *C'est la vie*. A **vida** é assim, segundo Sauvage, não há o que se fazer. Morissot corrige: não se trata da vida, e sim da **morte**, da guerra, da barbárie que são, sobretudo, **evitáveis**. Seria possível interpretar, então, que, segundo o autor, assim como as mortes inúteis dos dois personagens principais, a guerra de 1870, que levou milhares de vidas, também poderia ter sido evitada. Não é natural, justificável e não faz sentido. Não deve, portanto, ser normalizada nem aceita com atitudes neutras e palavras vazias.

Logo em seguida, dá-se fim à pescaria de Morissot e Sauvage ao serem capturados por soldados prussianos, presos e levados à ilha — que julgavam vazia e abandonada — em frente da qual estavam sentados.

Interpretados como espiões franceses pelo oficial prussiano em comando, Morissot e Sauvage têm duas escolhas: ou informam uma palavra de ordem que poderia ser usada para entrar pelos postos avançados franceses ou morrem fuzilados. O que é interessante no discurso do oficial é a seguinte fala:

— (...) *Cairam em minhas mãos, tanto pior para os senhores; é a guerra.*

O contexto da guerra, no conto, parece ser usado pelo oficial prussiano como uma justificativa da sua ausência de humanidade, da sua frieza e indiferença para com a vida dos outros. Fica subentendida, aqui, uma crítica ideológica do autor ao povo prussiano, contra quem os franceses nutriram um sentimento negativo muito forte por um longo período. É interessante notar como o narrador onisciente de Maupassant não nos dá uma pista sequer das emoções, pensamentos ou motivações pessoais dos soldados e do oficial. Suas ações são movidas, segundo apenas a sua fala, pela lógica fria e impiedosa da guerra.

Morissot e Sauvage recusam silenciosamente as propostas do oficial, despedem-se emotivos e, então, são fuzilados. Seus corpos são, por fim, jogados ao rio:

*A água esguichou, borbulhou, estremeceu, acalmou-se por fim, enquanto pequeninas vagas vinham até às margens. Flutuava um pouco de sangue.*

*O oficial, sempre sereno, disse a meia-voz:*

— *Agora é a vez dos peixes.*

*E tornou para casa.*

*De repente avistou na grama a rede com as cavalas. Apanhou-a, examinou-a, sorriu, gritou:*

— *Wilhelm!*

*Acorreu um soldado de avental branco. E o prussiano, atirando-lhe a pesca dos dois fuzilados, ordenou:*

— *Trata de me fritar quanto antes estes bichinhos, enquanto ainda estão vivos. Será uma delícia.*

*E voltou a fumar o seu cachimbo.*

Para os prussianos sem compaixão, as vidas de Morissot e Sauvage parecem valer o mesmo — ou até menos — que as dos peixes pescados. A derradeira passagem do conto, quando o prussiano volta a fumar o seu cachimbo como se nada tivesse acontecido, faz a mente retornar algumas páginas atrás, e percebe-se que implícito e explícito trabalham juntos para expressar o desgosto do autor com a crueldade da guerra que ele experienciou de perto: “*são piores que animais*”.

## **Referências**

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico.

**Revista USP**, n. 53, p. 166-182, março/maio 2002. Trad. Fábio Fonseca de Melo.

KAYSER, Wolfgang. **Análise e interpretação da obra literária** (Introdução à ciência da literatura). 6ª ed. Coimbra: Arménio Amado, 1976. Trad. Paulo Quintela.

MAUPASSANT, Guy de. Dois Amigos. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; RONÁI, Paulo (org.). **Mar de Histórias**. 2ª ed. vol. 4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 263-274.